

# **O SACERDÓCIO FEMININO NO IMPÉRIO ACÁDICO - CASO DE ESTUDO: ENHEDUANNA A PRINCESA SACERDOTISA**

**Daniela Camilo<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho visa abordar o sacerdócio feminino no Império Acádico com especial enfoque no caso de Enheduanna, filha de Sargão o Grande. Queremos entender se foi ela realmente a primeira sacerdotisa e como chegou a esta função, tornando-se depois paradigmática. Iremos também abordar o fato de Enheduanna ser, até agora, a primeira escritora que a história regista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enheduanna. Império Acádico. Sacerdócio.

## **THE FEMALE PRIESTHOOD IN THE AKKADIAN EMPIRE - CASE STUDY: ENHEDUANNA THE PRINCESS PRIESTESS**

**ABSTRACT:** This work aims to address the female priesthood in the Akkadian Empire with a special focus on the case of Enheduanna, daughter of Sargon the Great. We want to understand if she was really the first priestess and how she came to this role, later becoming paradigmatic. We will also address the fact that Enheduanna is, so far, the first writer that history records.

**KEYWORDS:** Enheduanna. Acadian Empire. Priesthood.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Antiga pela Universidade de Lisboa/PT.

## **INTRODUÇÃO**

Decidimos analisar o papel das sacerdotisas no Império Acádico sem tornar despidendo a sua função como mulheres na sociedade Mesopotâmica analisando o caso de Enheduanna, a princesa sacerdotisa que actou como emissária do império de seu pai, Sargão, assumindo o culto de Nanna no sul da Mesopotâmia.

Além de sacerdotisa, aparentemente, Enheduanna foi uma das primeiras escritoras a ser mencionada pela História. O seu espólio intelectual fez parte do acervo de reis e foi copiado e lido ao longo de milénios. Iremos ver também apenas um dos textos da sua imensa obra e tentar compreender como a sua influência e história durou milénios. Para entender o seu papel na história teremos de contextualizá-la no seu tempo e na época política coeva.

Para realizar este estudo recorreremos a alguns trabalhos feitos sobre Enheduanna de Simone Aparecida, Sarah Glaz e Regina Schussler respectivamente: “Sacerdócio Feminino na Antiga Mesopotâmia”, “Enheduanna: Princess, Priestess, Poet, and Mathematician. The Mathematical Intelligence” e “Sacerdotisas Sumérias”.

Tivemos que socorrer-nos de várias enciclopédias como a “Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia” de Jeremy Black e Anthony Green e “Deuses, Múmias e Ziggurats uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotamia” de Ciro Cardoso ou a “The Archaeology of Mesopotamia” de Seton Lloyd.

Visto que a única representação, que tenhamos conhecimento, encontrada até hoje de Enheduanna foi um disco glíptico que permanecia no gipar de Ur, recorreremos ao trabalho de Irene Winter no seu “Women in public the disk of Enheduanna” para o interpretar. No tocante à obra literária de Enheduanna, investigámos o livro de Betty de Shong Meador, “Inanna lady of largest Heart”.

## **CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO**

Enheduanna viveu durante o século XXIII a.C. numa época em que o seu pai Sargão, o Grande, um semita<sup>2</sup>, deu origem ao primeiro império da Mesopotâmia, colocando debaixo da sua hegemonia todas as cidades localizadas nas “terras entre-rios”<sup>3</sup>.

Oriundo da cidade Kiš e de origem desconhecida, Sargão obteve pela força a união das cidades-estado da antiga Mesopotâmia reinando durante cinquenta e seis anos<sup>4</sup>. A sua filha Enheduanna seria fruto provavelmente de Taslultum, rainha de Sargão e mãe de futuros reis. Dentro de um contexto de conquista e busca de harmonia entre diferentes cidades, naturalmente, Sargão procurou uma forma de coesão e lealdade súbdita sobre de todo o império. A literatura acádica relembra-o como o grande conquistador e o herói de inúmeras narrativas lendárias. O próprio Sargão identificava-se como rei universal mostrando o poder militar e político que alcançou:

Sargon, king of Kish, was victorious in thirty-four battles. He destroyed city walls all the way to the shore of the sea. He moored ships of Meluhha, Magan, and Dilmun at the quay of Agade. Sargon, the king, prostrated and prayed to Dagan. He gave him the Upper Land: Mari, Yarmuti, Ebla, all the way to the cedar forest and the silver mountains. Sargon, the king, Enlil gave him no rival! 5400 men eat every day before him. (FOSTER, 2005, p. 8)

---

<sup>2</sup> LLOYD (1984, p. 137) afirma que os semitas foram aos poucos ocupando o território da Mesopotâmia. Não temos indícios de que tenham sido rejeitados pelos coevos sumérios e aparentemente a única diferença entre eles seria o uso de uma língua diferente..

<sup>3</sup> O termo Mesopotâmia tem origem grega e significa “terra entre rios”, uma referência à sua localização geográfica.

<sup>4</sup> Cf., FOSTER, 2016, p. 26.

A vertente religiosa era marcante na sociedade humana; tudo o que rodeava os seres humanos provinha dos deuses e reunia um carácter sagrado. Os deuses dominavam todos os aspectos da vida humana. Estrategicamente Sargão colocou a sua filha Enheduanna como *Entu*<sup>5</sup> no templo de *Nanna* na cidade de *Ur*, na esperança de obter informação sobre o que se passava na zona meridional do império, em um esforço de coesão de um território separado por língua e administração. mitigando descontentamentos relativos à imposição acádica a sul do território<sup>6</sup>.

Toda a dinastia da Acádia, iniciada por Sargão, entendia a importância do divino no contexto dos templos, quer religioso, quer económico, administrativo e político pois esta dinastia ocupou-se da reconstrução e manutenção dos templos em várias cidades da Mesopotâmia<sup>7</sup>.

Os templos tinham ascendência e autonomia no lugar onde estavam estabelecidos e Sargão intentou, ao colocar a sua filha como *Entu*, estabelecer a influência e poder (relação que estabeleceremos de seguida) que viria a favorecer-lo. A relevância da cidade e do culto ajudaria a cimentar a sua influência no sul da Mesopotâmia visto o seu predomínio ser mais profuso no centro do território.

*Nana* era o deus patrono da cidade de *Ur* e pese embora a devoção de Enheduanna, como estabelecermos no decorrer do trabalho, tenha sido dirigida à deusa *Inana*, foi ao serviço deste deus, patrono de *Ur*, que Sargão disponibilizou os préstimos da sua filha.

A influência de Sargão irradiava de Acádia, uma cidade que rapidamente se tornou a sede do império e uma das maiores metrópoles do mundo de então.

---

<sup>5</sup> Na hierarquia sacerdotal este era o lugar com maior responsabilidade. O termo é referido em acádio, o sumério usava o termo *nin.dingir* (senhora de uma deidade). Não obstante aqui tratemos o caso de uma sacerdotisa feminina - *Entu* - este cargo podia ser ocupado também por um homem que assumia a etimologia *En*.

<sup>6</sup> GADOTTI, 2016, p. 67

<sup>7</sup> Cf., LLOYD, 1984, p. 139.

## O SACERDÓCIO

A religião era basilar na cultura mesopotâmica, e ditava quase todos os aspectos da vida diária. Cada cidade na antiga Suméria<sup>8</sup>, tinha um deus patrono dentro do panteão de divindades, - dos quais também havia um correspondente para estas no acádico -, cujos principais eram: *An*, *Ninursague*, *Enlil* e *Enki*. A sua progénie mais importante inclui *Nana*, deus da Lua; *Utu*, deus do sol; e *Inana*, a deusa paradoxal do amor e da guerra.

Em uma sociedade onde o divino era primordial, quem mediava deus e os demais detinha um grande poder. Era ao templo que afluíam o melhor do gado, produtos agrícolas e bebidas para a entrega diária ao divino, contudo a maior parte das vitualhas seriam usadas pelos sacerdotes no templo satisfazendo as suas próprias necessidades.

As obrigações sacerdotais englobavam o culto diário, que seria acompanhado de orações, bem como os diferentes festivais assim como o apaziguar dos demónios e “almas” belicosas estabelecendo a harmonia social e cósmica interpelando junto dos deuses, quer em nome do rei, quer em nome dos privados. Todo o sacerdócio estava hierarquizado e organizado, análise que executaremos de seguida.

## AS MULHERES E O CULTO AOS DEUSES - ORIGEM DO SACERDÓCIO

As mulheres representavam, desde o período arcaico, uma dualidade mística devido ao seu ciclo menstrual e à sua analogia com os ciclos lunares determinantes para o calendário sumério e, portanto, intimamente correlacionados com a fertilidade e os ciclos das colheitas. Apesar desta

---

<sup>8</sup> Cada cidade-estado tinha o seu santuário dedicado a um deus principal que actuava como patrono da cidade. *Eana* era a residência de *Inana* em *Uruk*, *Eresquigal* era a residência de *Nana* em *Ur*, e *Eku* e a residência de *Enlil* em *Nipur*, i.e..

interdependência com o divino e do seu papel mágico, parece que foi só com Sargão que um sacerdócio feminino foi estabelecido não obstante algumas discordâncias surjam entre alguns autores.

A origem mítica atribuída a Sargão pode ter influenciado estas opiniões, assim como relatos não registados. Segundo a lenda, que o próprio Sargão propalou, ele teria as suas origens num casamento ritualístico, *Hiero Gamos*<sup>9</sup>, entre uma *Entu* e um rei<sup>10</sup> desconhecido, o que lhe conferiria uma origem divina<sup>11</sup> e, portanto, assumindo a existência prévia de sacerdotisas responsáveis por cultos.

Cogitamos que esta foi apenas uma história lendária que Sargão<sup>12</sup> usou para legitimar o seu poder e origem “dos céus” reunindo o consenso dos súbditos numa consagração divina, a sua. Deduzimos que a origem humilde de Sargão terá sido na realidade a charneira nos seus ímpetos conquistadores e bélicos, o apogeu da sua carreira militar, que o levaram a conquistar e dominar *Kiš* e outras cidades-estados e a fundar a sua capital, a *Acádia*. Porém, e visto que a primeira menção escrita a uma *Entu* sacerdotisa é a de *Enheduanna*<sup>13</sup>, podemos inferir que esta terá sido efectivamente a primeira mulher a assumir este cargo e, portanto, terá sido Sargão a instituir este sacerdócio.

---

<sup>9</sup> Não iremos escalpelizar o ritual e a sua realização, ficando só a ideia de que este ritual servia a legitimação do rei como enviado divino e seu intermediário directamente intervindo para garantir a fertilidade da terra, dos rebanhos e do ser humano, tão necessários à sobrevivência social e económica da Mesopotâmia.

<sup>10</sup> Cf., LAUNDERVILLE, 2010, p. 31.

<sup>11</sup> Não obstante, o carácter celibatário da *Entu* fosse um requisito, aparentemente um filho nascido do ritual sagrado era visto como vontade do divino, dado o carácter divino assumido por um dos progenitores.

<sup>12</sup> Cf., FOSTER, 2016, p. 28.

<sup>13</sup> WINTER (1986, pp. 198-200) sugere que o culto a *Nana*, o deus *Lua*, ocorre em textos datados do ano 2600 a.C., no entanto, referências à sacerdotisas *Entu* só surgem com *Enheduanna*, apesar da estatutária coeva mostrar figuras femininas envolvidas no culto. Tal demonstra alguma permanência feminina nos rituais o que na opinião do autor, poderá provar que esta função precedia *Enheduanna* e que está foi apenas um peão na estratégia de seu pai Sargão.

## HIERARQUIA SACERDOTAL

Existiam vários tipos de sacerdotisas, Enheduanna, como já asseverámos, seria uma *Entu*, a *En*-sacerdotisa<sup>14</sup>, a sacerdotisa principal, no entanto, existiam outras categorias. Alguns textos e académicos<sup>15</sup> associam à *Entu*, a *Ugbabtu*, numa posição de subserviência pese embora com funções muito idênticas. Também escolhida por presságios e entronizada pelo rei, a *Ugbabtu* podia actuar no lugar da *Entu* caso esta falecesse. Contudo, noutros templos, o papel da *Ugbabtu* assemelhava-se ao da *Naditu*. A *Naditu* pertencia ao grupo de sacerdotisas que viviam clausuradas, fruía de reconhecimento social, até porque pertenciam a uma elite<sup>16</sup>, e poderiam, caso desejassem, contrair casamento dependendo da sua função no templo. Em determinados templos, a algumas destas mulheres, apesar de permitido o casamento, era interdita a procriação. Podemos concluir que a figura de *Ugbabtu* poderia variar segundo o templo onde servisse.

A figura da *Entu*, reúne algum consenso nas suas atribuições: seria de origem real, como Enheduanna, e manter-se-ia virgem podendo, no entanto, contrair casamento sendo este nunca consumado. Era esta sacerdotisa a responsável por liderar os rituais. Ademais o fato de a *Entu* e de a *Ugbabtu*<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> CARDOSO (1997, p. 27) vai apontar que *En* era o título dado aos senhores das cidades-estado contudo na segunda metade do terceiro milénio a terminologia adoptada pelo senhor seria a de *Ensi*, governador ou *Lugal* no caso do rei, sendo o título *En* atribuído só num contexto religioso.

<sup>15</sup> Cf. SIMONE, 2020, p. 320.

<sup>16</sup> As *Naditu* também podiam fazer parte de famílias abastadas, de militares, escribas ou sacerdotes.

<sup>17</sup> CARDOSO (1999, p. 95) ainda acrescenta as *Gadishtu* e *Sugitu* às categorias de sacerdotisas já mencionadas, sendo estas de outra categoria de sacerdotisas que pensamos estarem devotadas à prostituição sagrada. Dado que os textos que falam desta prostituição sagrada reportam quase sempre ao culto de *Inana* e numa fase mais tardia, entendemos que esta classe de sacerdotisas teria sido acrescentada posteriormente e de acordo com os rituais específicos do deus venerado. A prostituição sagrada é no entanto uma assunto controverso não sendo o objectivo deste estudo deliberar sobre o tema.

deixarem o seu nome de origem, revela uma total devoção à deidade ao passo que as outras categorias acrescentariam o nome do cargo ao nome que detinham. A alteração do nome da *Entu*, filha se Sargão abordaremos de seguida.

Os templos também englobavam trabalhadores de serviços como os que se ocupavam da cozinha e dos jardins assim como os sacerdotes responsáveis pelas purificações e administração desses espaços (respectivamente *pasisu* e *ramku* e *satammu*). Devemos frisar que as categorias “profissionais” sofriam algumas alterações consoante o templo e a deidade cultuada, porém, no computo geral, as que referimos constituiriam as principais.

Quanto aos sacerdotes homens, eles eram de alguma forma equiparados às classes femininas sendo o correspondente da sacerdotisa *Entu* designado por *En*. Subsistiam classes específicas de sacerdotes dedicados à medicina, magia, adivinhação e à música perfazendo classes respectivas (*mashmashshu*, *baru*, *kaulu*, *naru*)<sup>18</sup>. Estes homens podiam exercer as suas funções desnudos, como demonstram o disco de Enheduanna e outras estelas votivas. No caso do artefato identificado como o disco de Enheduanna, a primeira figura ilustra um sacerdote a executar as libações ao deus *Nana* sem vestuário.

## A ESCOLHA DOS SACERDOTES

Os sacerdotes e as sacerdotisas principais eram escolhidos através de rituais, como presságios<sup>19</sup> lidos nas vísceras de animais, sendo depois

---

<sup>18</sup> BLACK; GREEN (1982, pp. 149-150) explicam que as *masmas* que podiam dividir-se em *asipu* ou *masmassu*, eram sacerdotes que estavam dedicados à magia e ligados à medicina sendo a sua função importante na protecção à intervenção de demónios. As *baru* estariam na esfera da adivinhação, as *naru* num contexto da música.

<sup>19</sup> Tal presságio poderia ocorrer pela leitura de fígado de ovelha ou pela leitura de gotas de óleo



entronizados no seu cargo. Outras classes de sacerdotes com tarefas menos importantes, eram ocupadas por indivíduos expressamente apontados para dedicação ao deus, ocupando lugares menos preponderantes. Os cargos mais importantes tinham, como vimos, anuência divina e enaltecimento posterior. Segundo alguns autores essa entronização decorria num festival e, portanto, entre a entronização e a sua mudança efectiva para o *gipa*<sup>20</sup> passavam alguns dias.

No caso específico das figuras femininas a entronização ocorreria como parte ritualística no templo da divindade a quem a mesma iria servir. Inicialmente ela permaneceria na casa do pai onde sentada num trono receberia presentes dos demais. O traje vermelho que iria envergar era consagrado e deixado na casa do pai. No fim de seis dias de execução deste ritual a sacerdotisa comia e deixava a casa do pai rumando ao templo acompanhada por algumas mulheres e com a cabeça tapada quase como numa cerimónia matrimonial. De noite, e já no templo, a sacerdotisa participava de uma refeição ritualística seguida da oferta de uma nova vestimenta, uma cama, uma cadeira e um banco. A sua nova cama era coberta com uma manta nova e ao som de cânticos os seus pés eram lavados. A cerimónia terminava com a nova sacerdotisa a deitar-se na cama que previamente havia recebido num sinal claro de uma nova vida, uma nova rotina em devoção ao deus que iria servir<sup>21</sup>. Sua indumentária identificava seu cargo hierárquico como veremos adiante.

---

em uma porção de água.

<sup>20</sup> POPA (2016, p. 36) explica que era o local no complexo religioso destinado à habitação da *Entu*.

<sup>21</sup> Cf., MEADOR, 2000, p. 60-62.

## ENHEDUANNA, A *ENTU*

Desconhecemos o nome original da filha de Sargão. Aquele cuja História celebrizou foi-lhe atribuído na altura da sua escolha e nomeação como sacerdotisa de Nanna. A etimologia do nome EN-HEDU-ANNA, compreende: o título En, que diz respeito à sua posição como suma sacerdotisa; *Hedu*, que significa ornamento e a palavra *anna*, que expressa uma relação com o céu/divino<sup>22</sup>.

O nome caracteriza assim a sua nova função e a natureza da sua nomeação. Parece que este era um procedimento normal a atentar no que ficou registado centúrias mais tarde. De fato, Nabónido registou a necessidade de alterar o nome da filha quando a entregou ao sacerdócio, tal como Sargão o fez com esta sua descendente<sup>23</sup>. Enheduanna tomou o lugar de *Ningal* esposa de *Nana* assumindo uma simbiose, sem, no entanto, lhe atribuir predicado divino. Desta forma, Enheduanna era apresentada como noiva da divindade da Lua e personificando, em rituais maritais, com teor mais simbólico do que literal, a figura feminina do casal de deuses da Lua. A inscrição no verso do disco de alabastro que já mencionámos identifica Enheduanna como esposa do deus Lua, *Zirru*<sup>24</sup> um termo que era usado também quando se fazia referência à *Ningal*<sup>25</sup> a mulher de *Nana*, o que suporta a afirmação anterior.

---

<sup>22</sup> Ver: GLAZ, Sarah. Enheduanna: Princess, Priestess, Poet, and Mathematician. *The Mathematical Intelligencer*, 42, (2020), p. 31-46.

<sup>23</sup> NOWIKI (2016, p. 41) diz que muitas filhas de reis passarão ao longo da história da Mesopotâmia, a ocupar o lugar de *Entu*.

<sup>24</sup> Cf., WESTENHOLZ, 1989, p. 540-541.

<sup>25</sup> Nana era o deus Lua, em sumério, em acádio tomava o nome *Sin/Suen*, era o filho de *Enlil* e *Ninlil*. A sua mulher era *Ningal* e os seus filhos segundo algumas tradições religiosas foram *Inana/Ishtar*, *Utu/Shamash*, *Eresquigal/Irkalla* e *Ishkur/Adad*. *Nana* tinha em *Ur* o seu principal centro de adoração.

Era ele o principal visado dos cultos em *Ur* e, como tal, o dia da nova Lua era marcadamente dedicado ao deus. Neste dia e com periodicidade mensal, era celebrado um festival em honra de *Nana*, recebendo a divindade ofertas em animais e fruta. Os custos eram suportados pelo templo e pelo *Ensi* da cidade e esta seria uma época em que Enheduanna cuidaria das necessidades do deus e da deusa. A tarefa de cuidar directamente das necessidades do casal Lua e supervisionar todos os outros cultos a *Nana*, como as iniciações e os sacramentos, mantendo a paz entre os deuses e os homens, davam a Enheduanna a visibilidade e ascendência sobre a cidade que Sargão necessitava para executar os seus intentos<sup>26</sup>.

A estima que a sociedade tinha pelo divino levavam-nos a respeitar quem ocupava posição sacerdotal independentemente do poder a esta associado. A vaticinação envolvida na sua escolha não era invalidada pelo povo e mesmo que o deus patrono do templo não fosse o cultuado noutra cidade, ninguém ousava trazer a ira divina por se insurgir contra os representantes dos deuses na terra.

Enheduanna permaneceu como sacerdotisa *Entu* durante toda a dinastia de Acádia estando ainda ao serviço do deus *Nana* no reinado de Narã-Sim, o último rei desta dinastia. Porém, a sua devoção era principalmente a *Inana*, a grande deusa, responsável pela fertilidade e pela guerra, o ser paradoxal que legitimara seu pai Sargão e que foi a figura central de muitos dos hinos que escreveu e que o tempo celebrizou e propalou.

No tocante à vestimenta sacerdotal, podemos identificar essa indumentária no disco de Enheduanna. A vestimenta comprida e fluida, o cabelo solto e comprido e o *aga*<sup>27</sup> que usava na cabeça identificam-na claramente como a *En-sacerdotisa*.

---

<sup>26</sup> Cf., WESTENHOLZ, 1989, p. 539.

<sup>27</sup> Chapéu próprio com uma dobra na aba.

É interessante notar na arte glíptica, a representação de Enheduanna. A figura de Enheduanna encontra-se em destaque sucedendo a figura de um sacerdote masculino que oferece a sua libação. Enheduanna apresenta as vestes sacerdotais e o *aga*. O seu gesto coincide com o designado *niš qatim*<sup>28</sup>, isto é, o elevar das mãos para a divindade, um meneio encontrado noutras iconografias e que demonstra sempre o respeito pelo deífico. A sua notabilidade é destacada pelo fato de aba tocar no limite superior do disco<sup>29</sup>. Podemos assim concluir da iconografia apresentada, que na sua face inferior identifica Enheduanna, que a sacerdotisa era uma pessoa de destaque e relevância na sociedade da época independentemente do fato de ser mulher.



**Fig. 1** - Disco de Enheduanna, Período acadiano, ca. 2300 aC, Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, EUA; B16665.

<sup>28</sup> Gesto onde o braço dobra pelo cotovelo e a mão aberta coloca-se à altura da boca.

<sup>29</sup> Cf., WINTER, 1986, p. 192.

A representação também traz alguma luz sobre as reais tarefas da *Entu*. Ela não oferece a libação directamente ao deus, ela supervisiona. Essa deveria ser a função da *En*-sacerdotisa, zelar pelo bom funcionamento dos cultos sem interferir directamente e zelar igualmente por alguns rituais. A *En*-sacerdotisa cuidava directamente da estátua de *Nana*, sendo responsável por manter a representação do deus satisfeito, alimentado para que pudesse desta forma beneficiar o povo. Sendo sempre apresentado na sua forma humana, o deus esperaria receber refeições diárias, roupas e adereços bem como outras ofertas que lhe eram entregues periodicamente pelos sacerdotes. Estas estátuas estariam reclusas no templo, só acessíveis à *Entu* e outros sacerdotes. Seriam, pois, apenas visíveis para o restante público aquando dos festivais que as visavam.

Para além do papel no culto, a sacerdotisa<sup>30</sup> era responsável pela segurança das populações promovendo o bem-estar entre os humanos e os deuses, tornando possível a harmonia do universo. Devido a características ímpares do templo na colectividade, que abordaremos de seguida, a *En*-sacerdotisa dispunha de uma independência económica e de autoridade na gestão das diversas propriedades.

Infelizmente nenhum selo de *Enheduanna* que possa ajudar a quantificar essa gestão foi ainda descoberto, contudo temos selos<sup>31</sup> de vários subordinados da *Entu*, validando a estrutura hierarquizada do templo e a sua projecção na colectividade coetânea<sup>32</sup>. Não obstante, não foi encontrada

---

<sup>30</sup> A despeito da categoria e a sua evolução diacrónica podemos, no entanto, aferir que a posição que estas mulheres ocupavam era reconhecida e respeitada mesmo quando a deidade que representavam não se identificava com a de o patrono de determinada cidade.

<sup>31</sup> Estes selos, *kishib* em sumério e *kunukku* em acádio, eram usados desde a realeza até aos escravos, pois era o meio de estabelecimento da sua identidade. À medida que o tempo decorre, passaram a ser reconhecidos como a identificação pessoal de cada indivíduo.

<sup>32</sup> Cf., MEADOR, 2000, p. 52.

mais nenhuma informação arqueológica sobre a *Entu* Enheduanna, nem de natureza económica, ou administrativa.

## ENHEDUANNA COMO AUTORA

Para além das tarefas mais cúlticas de que estava encarregue, a grande sacerdotisa de Nanna é também, segundo alguns autores<sup>33</sup>, a primeira escritora que a história regista. Os seus hinos, que referimos acima, foram lidos, declamados e copiados durante milénios sendo hoje possível lê-los ainda que tenham passado mais de 4000 anos desde a sua escrita. Em algumas composições, Enheduanna comporta-se como a autora, como veremos, não representando apenas uma escriba que se limitou a consagrar a tradição oral.

Não obstante algumas mulheres não soubessem ler e escrever, temos indicação de que muitas o saberiam. No período de *Ur* III, por exemplo, temos indícios de duas mulheres apelidadas de escribas, bem como de uma filha do rei de *Uruk*, em meados do II milénio a.C., consubstanciando a premissa de que as mulheres, tendo habilitações para servir de escribas, poderiam fazê-lo<sup>34</sup>. Este estudo não se debruçará sobre a validade académica da autoria dos textos. A nossa perspectiva pretende analisar apenas uma dessas fontes de forma sumária contextualizando o porquê desta escolha e a sua relevância no relato da história de Enheduanna.

A maioria dos hinos foi dirigida à sua deidade de eleição, Inana, em sumério, como já aludimos. Iremos debruçar-nos sobre o texto “A exaltação de Inana”, um dos hinos compostos para esta divindade. Este Hino exalta a supremacia de Inana sobre todo o panteão de deuses e é um dos escritos que

---

<sup>33</sup> Cf. MEADOR, 2000, p. 69.

<sup>34</sup> Cf., STOL, 2016, p. 368.

figuravam no *curricula*<sup>35</sup> das antigas escolas. O texto começa por celebrar os vários *mes* da deusa. Efectivamente, a forma como Enheduanna ressalva as suas características e feitos quase que a elevam acima do panteão sumério destacando a sua predilecção.

(...) You are Inanna supreme in Heaven and Earth (...) Lady of all lands (...) eldest daughter of Suen, Queen greater than An  
(...) - The exaltation of Inanna. (MEADOR, 2000, pp. 172-174)

“*Queen greater than An*”, Enheduanna eleva esta deusa a uma posição soberana dentro do panteão equiparando-a ao deus celeste *Anu*. Talvez tenha sido esta a forma que Enheduanna encontrou para sincretizar o panteão sumério com o acádio, usando *InanalIshtar* como paradigma?

Não temos a veleidade de asseverar tal afirmação. Talvez Enheduanna tivesse entendido a necessidade de unir o povo sincretizando os panteões ou talvez fosse esse o intuito de Sargão. Seja como for Enheduanna, pese embora fosse sacerdotisa de *Nana* publicitou *InanalIshtar* como deusa dos semitas e sumérios. Seguidamente o laudo a *Inana* é interrompido com um rogo por ajuda:

(...) but that man cast me among the dead I am not allowed in my rooms (...) what is happening to my fate O Suen what is this with lugalanne (...) O my divine ecstatic cow drive this man out hunt him down catch him - The exaltation of Inanna. (MEADOR, 2000, p. 176)

---

<sup>35</sup> BLACK (2004, p. 301-302) corrobora que os estudantes mesopotâmicos seguiam um estrito programa académico do qual fazia parte o *Decad curricula*. Este era composto por dez textos com algum grau de dificuldade que eram analisados, decorados e copiados pelos estudantes, os hinos para *Inana* que Enheduanna compôs faziam parte.

Alguns autores como Meador e Wagensonner acreditam que estas palavras não seriam poético-simbólicas, mas literais. Parece que durante o reinado de Narã-Sim um homem de *Uruk* ou *Ur*<sup>36</sup> decidiu opor-se ao último rei da dinastia acádica. Como tal expulsou Enheduanna do cargo de *Entu* em *Ekishnugal*<sup>37</sup> privando-a dos seus aposentos, no *gipar* do templo. Revoltando-se contra o reinado acádico de *Narã-Sim*, este rei expulsou Enheduanna do templo de *Ekishnugal* numa tentativa de destabilização política. Talvez o seu nome fosse mesmo *Lugalanne*, deduzem estes autores, e esta tenha sido uma forma de manifestar o seu descontentamento com a linhagem acádica.

Enheduanna alude igualmente a *An*, alegando que ele foi prejudicado, “*robbed An of his temple*”<sup>38</sup>. Talvez nesta altura Enheduanna fosse responsável pelo templo de *Nana* em *Ur* e pelo templo de *An* e *Inana* em *Uruk* sendo despojada de ambos. Neste caso, seguindo esta lógica, não só a própria teria sido afastada, como o próprio *An*, talvez inferindo uma supremacia, pese embora momentânea, do humano sobre o divino, algo que também ocorria por vezes nos textos épicos.

A ser verdade este seria um acto de desespero visto que interferir com os sacerdotes nomeados por via divina (presságios) era algo que na Mesopotâmia era evitado a todo custo. Este pacto poderia, pois, desequilibrar a balança entre o divino e o terreno, desrespeitando o deus a quem o sacerdote servia e trazendo uma perspectiva de triste fado à pessoa e à cidade. Neste cenário, Enheduanna recorre a *Inana*, a deusa da guerra e amor: “*O my divine ecstatic wild cow Drive this man out hunt him down catch him*”<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> WLAGENSONNER (2020, p. 44) vai dizer que neste respeito não existe consenso, sabemos que este homem terá liderado uma revolta contra Narã-Sim junto com outros reis vizinhos.

<sup>37</sup> Nome do complexo do templo em *Ur*.

<sup>38</sup> Cf., MEADOR, 2000, p. 175.

<sup>39</sup> Cf., *Ibid.*, 2000, p. 176.



Talvez o insurgente fosse de *Ur* e por causa da relação de *Nana* com o *Lugalanne* Enheduanna pedisse ajuda a *Inana* e não a *Nana*? Ou talvez fosse necessária a intervenção de uma deusa suprema, colocada até acima dos deuses homem visto que nem *An* o confrontou. Não podemos afirmar com o toda a certeza. O texto prossegue com o pedido: “*Nana ignores my straits am I to be ruined by treachery (...)*”<sup>40</sup>.

É possível que nesta descrição, Enheduanna reflectisse a sua vida na vida e representação da própria deusa *Inana*. Afinal ambas eram mulheres e poderosas. Porém nunca cometeria a veleidade de se identificar com o divino, equiparando-se tão só analogamente a ela em alguns aspectos.

Parece existir, nas palavras poéticas de Enheduanna, uma certa intimidade entre ambas ou pelo menos a expectável num relacionamento subserviente e de ordem sobrenatural:

(...) the eminent Queen guardian of the throne room receives her prayer, the holy heart of Inanna returns to her, the day is favorable she dresses lavishly in woman's allure, she glows with beauty's shine like the light of the rising moon, Nanna lifts her into seemly view (...). (MEADOR, 2000, p. 180)

Outros versos patenteiam que as suas preces foram ouvidas, porque o sobrinho, *Narã-Sim*, conseguiu exterminar a revolta e Enheduanna permaneceu no seu cargo até à morte: “*truly for you gain you drew me toward my holy quarters I the high priestess I Enheduanna*”<sup>41</sup>.

Na descrição de Enheduanna cabe ainda referir a exaltação dos seus poderes, expressa em versos como o seguinte: “*Queen of all given powers*”<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Cf., *Ibid.*, 2000, p. 176.

<sup>41</sup> Cf., MEADOR, 2000, p. 174.

<sup>42</sup> Cf., *Ibid.*, 2000, p. 171.

Além da sua autoridade ser muito superior à dos seres humanos, Inanna também provoca o terror nos outros deuses. Para Enheduanna *Inana* assume, por conseguinte, os *mes* preponderantes das divindades e sua superioridade assoma-se. Os textos ganham uma dimensão poética e são uma expressão cultural significativa do século XXIII a.C., marcando o estabelecimento da literatura e poesia como formas de arte. Concomitantemente as suas belas composições são hoje uma fonte de informação vital sobre os costumes e religião do povo do seu tempo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma podemos afirmar que Enheduanna viveu num contexto peculiar. Com a ascensão da primeira potência que uniu a Mesopotâmia e tratando-se da filha do homem que deu origem a este império, Enheduanna teve uma educação privilegiada. Não obstante algumas mulheres na “terra entre os rios” tivessem acesso à educação e muitas, devido à natureza do papel que ocupavam na sociedade coeva, detivessem condições de gerir e administrar propriedade em nome próprio. O enquadramento histórico de Enheduanna concede-lhe, no entanto, um destaque notável, Sargão necessitava de controlar os territórios a sul, mais longe da sua capital Acádia, e Enheduanna ocupou o lugar de *Entu* num dos templos mais importantes da altura, situado em *Ur*. Como vimos alguém na posição de *Entu*, ocupado segundo alguns autores pela primeira vez por Enheduanna, teria um certo grau de influência e independência económica na cidade. Sendo também a responsável pelo culto da deidade principal da cidade seria responsável por intermediar os seus habitantes e o demiurgo exercendo um certo grau de influência na sociedade coeva.

Sargão precisava desta figura política e influente, que, junto com os postos avançados de semitas e homens de sua confiança em lugares chaves, permitiriam a Sargão controlar o território mais longínquo, e, portanto, mais difícil de superintender. Enheduanna foi, desta forma, uma força estabilizadora e pacificadora dentro do império de seu pai. Embora Enheduanna tenha assumido como uma figura de destaque no sul da Mesopotâmia, exercendo a sua função como os preceitos da altura determinavam, a *Entu* prosseguiu também na sua devoção por *Inana* compondo hinos. A história disseminou e preservou-os até ao nosso tempo, sendo estes, fontes de informação vitais sobre a religião e a vida quotidiana da sua época.

Conseguimos asseverar o lugar de destaque dela com base na arte glíptica encontradas referentes à princesa e sabemos que se manteve à frente do templo de *Ekishnugal*, pelo menos, até ao fim da dinastia que seu pai consagrou. Os textos que grafou enaltecem quase sempre *Inana* e a forma como a enaltece acima de todos os outros deuses constrói a imagem da sua devoção. Apesar de dedicada a *Nana*, a sua devoção à filha deste revela-se constante na sua vida.

A importância de Enheduanna na história têm um carácter dualista: a sua contribuição para o desenvolvimento da literatura e estabelecimento de uma tradição de escrita religiosa na Mesopotâmia, assim como o seu papel como uma das primeiras mulheres conhecidas na história a ocupar uma posição de poder e influência significativo. Neste respeito Enheduanna estabeleceu um paradigma seguido depois por muitas princesas. A sua obra literária e o seu papel como *Entu* mostram que as mulheres da Mesopotâmia antiga eram capazes de desempenhar papéis relevantes na sociedade e tinham acesso a formas de expressão cultural significativas.

## REFERÊNCIAS

- BLACK, Jeremy. *The Literatures of Ancient Sumer*. Oxford: Oxford Press, 2004.
- BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. London: The British Museum Press, 1982.
- BOTTÉRO, Jean. *La Religión más Antigua: Mesopotamia*. Madrid: Editorial Trotta, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Antiguidade Oriental Política e Religião*. São Paulo: Editora Contexto, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Deuses, Múmiás e Ziggurats uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- COOPER, Jerrold; HEIMPEL, Wolfgang. *The Sumerian Sargon Legend*. Em: Journal of the American Oriental Society, Vol. 103, 1983, p. 67-82.
- DUPLA, Simone Aparecida. *Sacerdócio Feminino na Antiga Mesopotâmia*. Em: NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo, V. 12, N. 2 (2020), p. 314-333.
- FOSTER, Benjamin. *Before the Muses an Anthology of Akkadian Literature*. Bethesda: CDL Press, 2005.
- FOSTER, Benjamin. *The age of Agade inventing empire in Ancient Mesopotamia*. Oxon: Routledge, 2016.
- GADOTTI, A. *Mesopotamian women's cultic roles in late 3rd-early 2nd millennium BCE*. Em: BUDIN, S.L.; TURFA, J.M. Women in Antiquity: real women across the ancient world. New York: Routledge, 2016.
- GLAZ, Sarah. *Enheduanna: Princess, Priestess, Poet, and Mathematician*. The Mathematical Intelligencer, 42, (2020), p. 31-46.
- KRAMER, Noah. *Mesopotâmia o berço da civilização*. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpo Editora, 1969.
- MEADOR, Betty de Shong. *Inanna lady of largest Heart*. Austin: University of Texas Press, 2000.

- MONTE, Marcel L. Paiva. *Rei das Quatro Regiões: Sargão de Akkad e o modelo imperial na Mesopotâmia*. Em: Arqueologias de Império. LEÃO, Delfim Leão; RAMOS, José Augusto; RODRIGUES, Nuno Simões (Eds.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 89-106.
- NOWICKI, Stefan. *Women and References to Women in Mesopotamian Royal Inscriptions: An Overview from the Early Dynastic to the end of Ur III Period*. Em: Studia Orientalia Electronica 4 (2016), p. 36-52.
- LLOYD, Seton. *The Archaeology of Mesopotamia*. London: Thames and Hudson Ltd, 1984.
- SCHÜSSLER, Regina. *Sacerdotisas Sumérias in Revista Historiador*. Revista Historiador Especial Número 01, Ano 03, Julho de 2010, p. 9-18.
- STOL, Marten. *Women in The Ancient Near East*. Berlin: Walter de Gruyter Inc., 2016.
- WINTER, I. J. *Women in Public: The Disk of Enheduanna, The Beginning of the Office of EN-Priestess, and the Weight of Visual Evidence*. Em: DURAND, J. M. (Ed.), *La femme dans le proche orient antique*. Proceedings of the Rencontre Assyriologique Internationale, Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, July, 1986, p. 189-201.
- WESTENHOLZ, Joan G. *Enheduanna, En-Priestess, Hen of Nanna, Spouse of Nanna*. Em: BEHRENS, Hermann; LODING, Darlene; ROTH, Martha T. (Eds.), *DUMU-E2-DUB-BA-A, Studies in honor of Åke W. Sjöberg*. Filadélfia: The University Museum, 1989, p. 539-556.
- WLAGENSONNER, Klaus. *Between History and Fiction - Enheduanna, the First Poet in World Literature*. Em: LASSEN, Agnette W.; WLAGENSONNER, Klaus (Eds.), *Women at the Dawn of History*. Yale: Yale Babylonian Collection at Yale University, 2020.